

O que deu errado?

» DIMAS COVAS
Médico e professor da USP (Butantan)

Em 2007, o Brasil decretou a sua Política de Desenvolvimento da Biotecnologia (Decreto nº 6.041) com o objetivo de estabelecer um ambiente adequado para o desenvolvimento de produtos e processos biotecnológicos inovadores, estimular a maior eficiência da estrutura produtiva nacional, aumentar a capacidade de inovação das empresas brasileiras, absorver tecnologias, gerar negócios e expandir as exportações. O decreto definiu como áreas prioritárias a saúde humana, a agropecuária, a indústria e o meio ambiente. Quatro ações estruturantes foram definidas: financiamento adequado, formação e capacitação de recursos humanos, consolidação e expansão da infraestrutura física de instituições públicas e privadas, e aperfeiçoamento do marco regulatório do setor. Tudo certo como mandavam os manuais.

Um pouco depois, em 2011, a China definiu no seu 13º Plano Quinquenal (2015/2020) que a biomedicina seria uma de sete prioridades estratégicas do país, com a meta de que a biotecnologia deveria representar, em valor de mercado, pelo menos 4% do seu Produto Interno Bruto (PIB) em 2020. Na esteira desse plano, seguiram-se outras ações, como o programa Made in China, lançado em 2015, que definia que o conteúdo nacional dos materiais básicos, incluindo os farmacêuticos, fosse 40%, em 2020, e pelo menos 70% em 2025. Entre 2015 e 2017, a China realizou também

uma grande reforma regulatória conhecida como CFDA Big Bang e lançou o plano China Saudável 2030, com a meta de reduzir a mortalidade prematura por doenças não cardíacas de acordo com o objetivo número 3 do Plano de Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU). Outros países como Japão, Índia e Coreia do Sul também iniciaram programas robustos na área farmacêutica e biotecnológica na mesma época.

A Coreia do Sul começou o seu principal plano estratégico para biotecnologia em 1982. Em 1993, lançou o plano Biotech 2000 e em 2006, o BioVision 2016. Os objetivos principais desses planos eram transformar a Coreia do Sul em uma sociedade orientada pela vida e pela bioeconomia no prazo de 10 anos. A meta era colocar o país entre os 10 maiores produtores de produtos farmacêuticos e biotecnológicos.

Passados 15 anos do lançamento da Política Nacional de Biotecnologia, o Brasil apresenta déficit anual na sua balança comercial e medicamentos de cerca de US\$ 6 bilhões. Mais de 95% dos insumos farmacêuticos ativos (IFA) usados no país são importados e, durante a pandemia, o setor demonstrou toda a sua fragilidade com falta de produtos, medicamentos e vacinas. A biotecnologia do Brasil não se desenvolveu como planejado pela Política de Biotecnologia. Por outro lado, a China tornou-se uma potência mundial em biotecnologia liderando o desenvolvimento clínico

de produtos biossimilares, de vacinas e de terapias avançadas contra o câncer. No momento, o país concentra o maior número de biotecnológicos em desenvolvimento produtivo e clínico, superando os Estados Unidos. A Coreia do Sul seguiu trajetória semelhante à da China. Ambos os países são hoje gigantes da indústria de biotecnologia mundial.

No Brasil, iniciativas isoladas buscam alinhar o país a essa rota. Em novembro, o Global Vaccine Market Report, da Organização Mundial da Saúde (OMS), colocou o Instituto Butantan entre os 10 maiores produtores mundiais de vacinas por faturamento, excluindo vacinas de covid-19 — um grande marco para a indústria nacional de biotecnologia. A inclusão na lista ajuda a consolidar a posição do Butantan como produtor global de imunobiológicos e reflete sua expansão internacional, exemplificada por ações como a exportação de vacinas contra a gripe para países como Equador, Uruguai e Nicarágua.

Mas ainda é pouco: ações independentes de uma instituição pública, ainda que do mais alto nível, não são suficientes para consolidar a posição estratégica de um país em uma indústria tão competitiva e complexa. Finalizo perguntando: o que deu errado com a biotecnologia do Brasil? Neste momento, em que se aproxima o início de um novo governo, o país precisa resgatar esse tema. A bioindústria é o futuro na saúde e em outras áreas da nova economia. Perdemos muito tempo.



Tecnologia, inovação e trabalho são feitos de gente

» MARIA AUGUSTA OROFINO
Palestrante e autora dos livros Liderança para Inovação e Metodologias Ágeis. TEDx talker, é especialista em inovação, liderança e metodologias ágeis

É evidente a mudança significativa na forma de trabalho, já que a tecnologia está cada vez mais presente no nosso dia a dia. Tem-se falado muito sobre transformação digital, algoritmo, metaverso, mas nos deparamos com questões voltadas para pessoas que não estão sendo observadas como deveriam.

Há um déficit educacional gigantesco no Brasil, além da carência de profissionais da área de tecnologia da informação (TI). Segundo a Associação das Empresas de Tecnologia da Informação e Comunicação (Brasscom), a TI precisará de aproximadamente 420 mil profissionais até 2024, mas o sistema educacional brasileiro só capacita 46 mil pessoas com perfil tecnológico por ano. Precisamos investir em educação tecnológica, mas não só isso, também precisamos dar oportunidades.

Estamos falando de tecnologias incríveis nas mãos de poucos. Para se ter uma ideia, de acordo com uma pesquisa feita pelo Instituto Locomotiva e a empresa PwC, mais de 33,9 milhões de brasileiros não têm sequer acesso à internet. Com a chegada do 5G, as escolas privadas que estão nas grandes cidades serão beneficiadas de forma muito mais rápida

com a realidade virtual, por exemplo, mas as crianças que estudam em escolas públicas, no interior, não têm a mesma oportunidade.

A tecnologia é importante, é um fator primordial. Mas, no fundo, temos carência em diversos aspectos quando falamos de Brasil, inclusive uma necessidade extrema de pessoas querendo falar com pessoas. Os bancos digitais estão mudando suas configurações para que os clientes possam ser atendidos por pessoas e não por robôs. É uma dicotomia que estamos passando, visto que nunca vivemos momentos tão intensos de ruptura digital como agora, sem precedentes históricos. A nossa realidade hoje é completamente diferente e impulsionada por essa transformação digital.

Estamos vendo fins de empregos formais, passando a focar em times com outras habilidades, expertises, exigindo criatividade e capacidade de resolver problemas complexos, alfabetização em dados, equidade e meio ambiente. Temas antes desconsiderados que hoje estão provocando essa grande mudança no mercado de trabalho. Isso implica a necessidade de haver pessoas capacitadas, capazes de tomar decisões, com senso crítico apurado

e em condições de agir em ambientes turbulentos e incertos. Por isso afirmamos que a inovação é feita por pessoas. Gente que sente e se emociona com as questões do seu entorno. Gente que tem empatia e se solidariza com os problemas dos colegas. Gente que valoriza a ética. A mudança é a constante em nossa vida, mas compreender que o momento não é só tecnologia nos colocará mais empáticos com todos que estão à nossa volta.

A tecnologia é o meio, um suporte que, de acordo com a Lei de Moore, se modifica e dobra a cada dois anos. Por sua vez, as pessoas se modificam e crescem. Ampliam o seu conhecimento a cada nova experiência, o aprendizado é incremental e se amplia a cada nova vivência. E altera também em contato com outras pessoas, com viagens, com leituras, com a própria vida. Cada indivíduo modifica a sua realidade e, ao mesmo tempo, é modificado por ela: um ato recíproco. Essas mudanças apresentam uma velocidade exponencial na tecnologia, alteram o nosso ambiente e pessoas são necessárias para conduzir os processos. Desconsiderar as pessoas e sua importância nesse contexto é eliminar a inovação e a tecnologia.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Retrovisor embaçado

Vinte anos terão passado desde que o primeiro ex-operário subiu a rampa do Palácio do Planalto. Com Lula, chegaria também ao poder o primeiro governo de orientação esquerdista. Dessa experiência histórica, desejada por muitos que ainda creditavam esperanças de igualdade plenas nessa vertente política, ficou, ao lado de uma grande decepção, a constatação de que o país havia retornado ao fundo do poço, depois de ser brevemente resgatado pela engenharia econômica do Plano Real.

De lá para cá, o Brasil foi do céu ao inferno num átimo. O que restou, talvez, de mais proveitoso dessa experiência frustrada, foi o aprendizado de que honestidade e eficiência na gestão do Estado não são atributos exclusivos desse ou daquele matiz ideológico, mas advêm conscientemente da escolha livre e sensata de brasileiros conscientes da importância do voto.

Num balanço rápido, o que temos, além do encarceramento da cúpula que governou o país, e da mais profunda depressão econômica já vivida pelos brasileiros, são dúvidas e incertezas sobre os destinos do país. Das inúmeras consequências negativas dessa experiência que se quis “revolucionária” nos moldes dos anos 1960, ficaram os 14 milhões de brasileiros de todas as idades que vagam pelas cidades em busca de empregos, o desmantelamento das instituições, a descrença geral nas elites dirigentes e, talvez, a mais nefasta de todas as heranças, que é a desesperança dos jovens no futuro do país.

Experiências vindas de outras partes do globo em outras épocas ensinam que qualquer país que assiste à debandada de sua força jovem, sofre muito mais para recuperar sua pujança e encontrar os trilhos da história. Pesquisas da época apontavam que, se pudessem, 62% ou quase 20 milhões dos jovens brasileiros iriam embora do país em busca de novas oportunidades e qualidade de vida. O que havia, em números expressivos, era o retrato sem retoques de um processo de profunda desilusão que tomou conta das nossas novas gerações.

Essa situação se agravou ainda mais quando a mesma pesquisa do Datafolha demonstrava que a população adulta, que fincou raízes econômicas no país — nada menos do que 43% — expressava desejo de também deixar o Brasil. Para muitos nacionais, esse desejo não ficou apenas na intenção. O número de pedidos nos consulados e embaixadas de países, como Estados Unidos, Canadá, Portugal e outros, não paravam de crescer e somavam milhares de pessoas que, voluntariamente, almejavam ir embora, em busca de uma nova vida em um lugar mais tranquilo e promissor.

Essa vontade manifestada por milhões de brasileiros de deixar tudo para trás, virando estrangeiro, num país longínquo, é, sem dúvida, a mais patente e pernicioso consequência advinda da experiência vivida pelos nossos conterrâneos, a partir de 2003, e que ainda hoje rende seus frutos amargos e dissolutos.

» A frase que foi pronunciada

“O óbvio dos óbvios. Uma democracia não pode ser instaurada por meios democráticos: para isso ela teria de existir antes de existir. Nem pode, quando moribunda, ser salva por meios democráticos: para isso, teria de continuar saudável enquanto vai morrendo. O assassino da democracia leva sempre vantagem sobre os defensores dela. Ele vai suprimindo os meios de ação democráticos e, quando alguém tenta salvar a democracia por outros meios — os únicos possíveis —, ele o acusa de antidemocrático. É assim que os mais perversos inimigos da democracia posam de supremos heróis da vida democrática.”

Olavo de Carvalho

Repita!

» Passeando pelo Instagram, percebe-se que o monitor ativa com algumas palavras-chaves o título: “O vencedor da eleição presidencial foi declarado. Veja os resultados oficiais no site do TSE”. (Fonte: Tribunal Superior Eleitoral)

Impressionante

» Águas Claras não é cidade para estranhos. Sinalização inexistente. Placas de endereço em hieróglifos. Condução do trânsito instintiva. Carros na contramão da via principal colocam vidas em risco. Faltam semáforos, mesmo que intermitentes para dar passagem alternada lado a lado. Pistas de saída para kamikazes.

Só notícia boa

» Ouvindo a avó cantar nos eventos familiares, o neto resolveu mostrar o talento da idosa na rede social. Plantou e colheu um Grammy Latino para a nova cantora cubana de 95 anos de idade, dona Ângela Alvarez.

» História de Brasília

Ocorre isto: das quarenta horas semanais trabalhadas pelas professoras, vinte eram destinadas às aulas, e 20 para a preparação, correção de exercícios, estudos dirigidos e atividades complementares. (Publicada em 13/3/1962)